

CLÁSSICOS DE ELLEN G. WHITE NA LINGUAGEM DE HOJE: CAPRICHOS OU NECESSIDADE?

Ana Maria de Moura Schäffer¹

Resumo

Este artigo examina se os projetos de atualização e adaptação linguística das obras de Ellen G. White pela Casa Publicadora Brasileira (CPB) representam uma escolha arbitrária ou uma prática essencial. Assim como outras editoras no Brasil, que têm aproximado gerações mais jovens por meio da modernização da linguagem, retraduições e adaptações de obras infantis e clássicos universais da chamada grande literatura, a equipe editorial da CPB tem se dedicado a tornar os textos da autora mais acessíveis aos leitores contemporâneos, seja através de atualizações ou adaptações. O propósito da editora é oferecer uma linguagem mais atual, acompanhando as mudanças estruturais, vocabulares e sintáticas, alinhando os textos da autora às normas culturais e políticas em transformação. Para tanto, foram selecionados fragmentos da obra *O Desejado de Todas as Nações* em três versões: de 2007, 2019 e 2021. O material compõe um corpus amostral comparativo, cuja análise se baseia no aporte teórico-metodológico dos Estudos da Tradução e da Adaptação. A análise comparativa evidencia a amplitude e a relevância das mudanças introduzidas por meio da adaptação e da atualização linguística, ressaltando que as iniciativas da CPB não são meramente opcionais, mas uma necessidade urgente. Embora os textos originais permaneçam inalterados, suas traduções envelhecem com o tempo, tornando essencial sua renovação periódica para garantir relevância contínua e acessibilidade a um público mais amplo e diversificado.

Palavras-chave: Ellen White; atualização; adaptação; linguagem de hoje.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**
Organização: Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido: 25/02/2025
Aprovado: 18/09/2025

Como citar: SCHÄFFER, A. M. M. Clássicos de Ellen G. White na linguagem de hoje: capricho ou necessidade? *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-32, e1968, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1968>

¹ Ana Maria de Moura Schäffer, doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brasil, pesquisadora independente. É membro dos Grupos de Pesquisa GEAN e AGOGE, do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Contato: natifran2@gmail.com.



ELLEN G. WHITE'S CLASSICS IN TODAY'S LANGUAGE: A WHIM OR A NECESSITY?

Abstract

This article examines whether the linguistic updating and adaptation of Ellen G. White's works by the Brazilian Publishing House (CPB) represents an arbitrary choice or an essential practice. Just as other Brazilian publishers are engaging new generations through language modernization, retranslations, and adaptations of children's literature and classic works, CPB's editorial team has systematically worked to enhance the accessibility of White's texts for contemporary readers. The publisher's purpose is to offer more current language, following structural, lexical, and syntactic changes, aligning the author's texts with transforming cultural and political norms. To this end, our analysis compares three editions of *The Desire of Ages* [O Desejado de Todas as Nações]: the 2007 edition, the 2019 third volume of the Conflict series, and the 2021 23rd edition. Using a comparative sample corpus analyzed through the theoretical-methodological framework of Translation and Adaptation Studies, this study illustrates how these textual interventions operate. The comparative analysis highlights the scope and significance of the changes introduced through both adaptation and linguistic updating, underscoring that CPB's initiatives are not merely optional but urgently necessary. Although the original texts remain unchanged, their translations inevitably age over time, making periodic renewal essential to ensure continued relevance and accessibility for a broader and more diverse readership.

Keywords: Ellen White; textual updating; literary adaptation; today's language.

CLÁSICOS DE ELENA DE WHITE EN EL LENGUAJE ACTUAL: ¿UN CAPRICH O UNA NECESIDAD?

Resumen

Este artículo analiza si los proyectos de actualización y adaptación lingüística de las obras de Elena G. de White, realizados por la Casa Publicadora Brasileña (CPB), constituyen una elección arbitraria o una práctica necesaria. Al igual que otras editoriales en Brasil que buscan acercarse a las nuevas generaciones mediante la modernización del lenguaje, las retraducciones y las adaptaciones de obras infantiles y clásicos de la literatura universal, el equipo editorial de la CPB se ha comprometido a hacer que los textos de la autora resulten más accesibles para los lectores contemporáneos. El propósito de la editorial es ofrecer un lenguaje más actual, actualizado que acompañe los cambios estructurales, lexicales y sintácticos, alineando las obras de la autora con las transformaciones culturales y políticas actuales. Para ello, se seleccionaron fragmentos de la obra *El Deseado de Todas las Gentes* en tres versiones: la edición de 2007; el tercer libro de la serie Conflicto (2019); y la 23.^a de 2021. Estos materiales conforman un corpus muestral comparativo, analizado a partir del enfoque teórico-metodológico de los Estudios de la Traducción y la Adaptación. El análisis comparativo pone de manifiesto la amplitud y pertinencia de las modificaciones realizadas mediante la adaptación y actualización lingüística, evidenciando que las iniciativas de la CPB no son opcionales, sino una necesidad apremiante. Si bien que los textos originales permanecen intactos, sus traducciones envejecen con el tiempo, y, por lo tanto, hace imprescindible su renovación periódica para mantener su vigencia y ampliar su alcance para llegar a un público más amplio.

Palabras claves: Elena de White; actualización; adaptación; lenguaje actual.



INTRODUÇÃO

Temos presenciado um movimento editorial nas últimas décadas que busca, de várias formas, aproximar produções literárias antigas das gerações mais novas. Entre as estratégias empregadas pelas editoras estão retraduições, adaptações e atualizações (conceitos abordados adiante) de clássicos, tendo em vista tornar os textos acessíveis a públicos específicos através de mudanças estruturais, vocabulares ou sintáticas, concorrendo para o desenvolvimento do gosto artístico dos leitores em formação. Por isso, quanto mais histórico um texto, mais razões para a sua retradução, defendem Poucke e Gallego (2019), cujo processo pode variar, conforme os objetivos, da atualização da linguagem envelhecida à adaptação do texto para que se alinhe às normas culturais ou políticas em transformação. Como bem sinalizou o poeta inglês John Dryden (*apud* Kinsley, 1956, p. 182): “Cada geração deve traduzir os clássicos de novo”.

No Brasil não faltam exemplos desse tipo, pois adaptações e atualizações de clássicos se espalham cada vez mais, sejam intersemióticas (da obra para as telas, teatro ou outra linguagem não verbal), interlinguais (entre línguas diferentes) ou intralinguais (dentro da mesma língua).² Na área de clássicos infanto-juvenis, por exemplo, as adaptações, em geral reduzidas, são mais conhecidas que o próprio texto original. Atesta isso a variedade de versões de *Pinóquio*, *A Branca de Neve*, *Alice no País das Maravilhas* e muitas outras obras disponíveis no mercado editorial. Da mesma forma, os clássicos universais da chamada grande literatura, como *Dom Quixote*, as obras de Shakespeare, *As Viagens de Gulliver* e *Robinson Crusoe*, quando destinados a gerações mais jovens, no geral, se apresentam em forma de textos recriados, simplificados e adaptados (Antunes, 2021).

Em 2014, a escritora Patrícia Secco propôs a adaptação de dois clássicos da literatura brasileira — *O Alienista*, de Machado de Machado de Assis, e *A Pata da Gazela*, de José de Alencar — com a finalidade de facilitar a leitura de públicos mais jovens. A iniciativa foi alvo de ataques, a maioria concernente a questões estéticas e pedagógicas. Entre críticos literários, educadores e jornalistas houve quem apreciou o projeto e quem o considerou criminoso. Embora as práticas de adaptação e simplificação sejam comuns no mercado editorial, como forma de difundir a leitura

² Conforme nomenclatura de Jakobson (1975).



e o ensino de literatura e diminuir a distância entre os leitores e as obras, Antunes (2021) reitera que é preciso deixar o público-leitor ciente de que está lendo uma adaptação; ou seja, é preciso sinalizar, na capa ou na introdução, que a obra é simplificada, atualizada ou adaptada.

As editoras cristãs também procedem constantemente a retraduições e adaptações de clássicos religiosos (caso da Bíblia Sagrada), pois também têm interesse em alcançar parte da fatia de leitores brasileiros não afeitos à leitura de traduções mais antigas. A Bíblia é talvez o melhor exemplo dessa constante necessidade de retraduzir. Conforme Ferreira (2002), nas últimas décadas têm aparecido versões da Bíblia em linguagem contemporânea, inclusive em português, especialmente por iniciativa de igrejas mais novas e modernas, que buscam comunicar-se, de forma mais eficaz, com seus fiéis.

As mudanças sociais, por sua vez, têm despertado leitores mais atentos e exigentes, o que requer das editoras edições especiais de obras traduzidas longo tempo atrás. É o caso da editora Thomas Nelson Brasil, que, a partir de 2017, lançou edições especiais de várias obras de C. S. Lewis, com retradução moderna e atualizada e projeto gráfico colorido e diferenciado, visando facilitar a aproximação do público mais jovem com o erudito e teólogo.

Semelhantemente, a Casa Publicadora Brasileira (CPB) tem se preocupado com a recepção de seus materiais, especialmente o leitorado mais jovem. A partir de uma pesquisa de 2008, que avaliou os hábitos de leitura de adventistas brasileiros quanto aos escritos da escritora adventista do século 19, Ellen G. White, os resultados apontaram um baixo número de leitores, justificado pelas dificuldades com a linguagem da referida autora; infere-se a partir dessa investigação que as barreiras linguísticas estão entre as principais responsáveis pela defasagem na leitura. Diante dessa realidade, a CPB começou a elaborar metas para alcançar um contingente maior de leitores dos clássicos de White, seguindo os passos do Patrimônio Literário de Ellen G. White, nos Estados Unidos, que nas últimas décadas têm lançado compilações, adaptações e paráfrases de obras selecionadas de Ellen White (Cardoso, 2011).

Em 2007, os depositários do Patrimônio Literário de Ellen G. White, nos Estados Unidos, iniciaram um processo de adaptação e condensação de livros da autora para as novas gerações, cujo resultado foi a série “Conflito dos Séculos” na



linguagem de hoje. A partir dessa iniciativa, em 2015 a CPB deu início ao seu projeto de adaptação dos mesmos livros da série Conflito, em língua portuguesa. Os objetivos da CPB se alinham aos dos depositários, quer seja, de renovar a linguagem das obras, por meio de adaptações e atualizações linguísticas, vocabulares e estruturais. Seu propósito tem sido auxiliar leitores modernos a entenderem as mensagens contidas nas obras, e, para isso, a meta de atualização da linguagem de Ellen White tem estado no topo da lista da editora, entendendo que muitas palavras estão obsoletas pela passagem do tempo, pelas frases longas e as complexas expressões literárias do século 19 (Fagal, 2011; Tonetti, 2017; Atualização, 2020).

Nos últimos anos, a CPB tem buscado atualizar a linguagem dos textos de White, principalmente naquelas traduções mais antigas. Ellen White escreveu suas obras entre 1844 e 1915, e elas foram traduzidas para o português na “época de ouro” da tradução no Brasil, entre 1950 e 1970. Por isso, não é de admirar que não apenas aquelas consideradas clássicas da autora, mas todas as demais peçam novas versões, com sabores mais próximos à língua em voga hoje, e deveriam passar por um processo de retradução, atualização e adaptação, em busca de uma linguagem mais comunicativa e atual, levando a mudanças na roupagem um tanto sisuda conferida a Ellen White por tradutores anteriores. Mesmo na época em que a escritora viveu, muitas pessoas tinham dificuldades para entender seus textos mais elaborados (Keiser, 2015).

É provável que, em razão disso, destaca Keiser (2015), Ellen White tenha se sentido confortável em não só orientar seus editores a fazerem revisões e adaptações de seus escritos enquanto ainda era viva, como também tenha alertado, em uma de suas publicações, quanto à necessidade de se empregar linguagem de fácil entendimento nos textos. Ela diz: “Devem ser editadas publicações, escritas na linguagem mais clara e simples, explicando assuntos de vital interesse, e tornando conhecidas as coisas que sobrevirão ao mundo” (White, 2004, p. 70).

Tim Poirier (2023), ao escrever sobre compilações e adaptações das obras de White, relembra que a autora deu permissão para que seu filho Edson adaptasse alguns de seus escritos para atingir um público leitor mais jovem e menos instruído. O resultado foi *Christ Our Saviour* (Cristo, Nosso Salvador), publicado pela primeira vez em 1896, e disponível em português sob o título *Vida de Jesus*. De lá para cá, os escritos selecionados de Ellen White, por meio dos depositários do Patrimônio



Literário da autora, têm passado por revisões, atualizações e paráfrases, conforme Podcast #22 – “Atualizações dos escritos de Ellen White” (Atualização, 2020), com vistas a atender a públicos específicos.

Posto está que tanto as traduções quanto as adaptações são consideradas reescritas importantes que contribuem para o intercâmbio das obras e servem de motivação para a leitura de clássicos, religiosos ou não. Além disso, esses processos amenizam as barreiras temporais e históricas e contribuem para a compreensão do leitorado contemporâneo. No entanto, não deixa de ser uma questão polêmica e que tem suscitado discussões acaloradas; especificamente em se tratando dos textos de Ellen White e da Bíblia Sagrada. De um lado, estão aqueles que defendem as adaptações e atualizações como ponte para o original e como incentivo à leitura; do outro, encontramos os que criticam as mudanças feitas, por entenderem que elas distorcem ou modificam o significado original desses escritos.

Alheios às polêmicas, os interesses de clareza e simplicidade quanto às obras de White têm sido considerados pela CPB, o que serve de ponto de partida para neste texto agregar reflexões sobre as atualizações e adaptações, não só para a formação de novos leitores de White, mas para aproximar a recepção cristã da autora, a fim de que se beneficiem das mensagens deixadas por ela. Em paralelo, busco discutir, de modo geral, o projeto de atualização e adaptação dos livros da autora, dando especial atenção à obra *O Desejado de Todas as Nações*, com respaldo em reflexões teórico-metodológicas pertinentes oriundas dos Estudos sobre Tradução e Adaptação.

METODOLOGIA

Foram selecionados fragmentos com expressões e vocabulários da obra *O Desejado de Todas as Nações*, em três versões (edições de 2007, 2019 e 2021). As obras da série “Conflito dos Séculos” têm sinalizada nos paratextos³ a informação “na linguagem de hoje”. O material foi extraído do contexto em que se inserem, resultando em excertos que compõem um *corpus*-amostra comparativo para que se

³ A partir de Genette (2009) e Yuste Frías (2011), paratextos são os elementos que circundam, apresentam, ampliam uma obra literária para que se constitua “livro”. Para Genette, não existe circulação de um “texto puro”. Para Yuste Frías (2011, p. 260), “si (...) no puede existir texto sin paratexto, tampoco puede existir traducción sin su correspondiente paratraducción”. “Se (...) não pode existir texto sem paratexto, tampouco pode existir tradução sem sua correspondente paratradução” (tradução nossa).



tenha um vislumbre do nível das alterações que se processaram na adaptação e na atualização. Além disso, foram selecionados três prefácios das obras da série Conflito para discussão das especificidades do texto apresentado.

O texto apresenta-se em seções: na primeira parte, além desta introdução, trago concepções de diferentes autores sobre tradução, adaptação e atualização, para familiarização das visões relativas aos tópicos, tendo em mente o pressuposto de que não é incomum haver divergências entre pesquisadores quanto à compreensão desses termos. Em seguida, apresento um breve panorama do contexto que circunda o projeto de atualização e adaptação de algumas obras de Ellen White na CPB, considerando não só as definições, em especial de atualização e adaptação, conforme explicitadas pela equipe editorial, encarregada do projeto, como também os critérios adotados. Na sequência, apresento uma seleção de fragmentos extraídos das três versões, para comparação e sucinta análise das escolhas da equipe editorial, refletindo sobre os possíveis impactos dessas mudanças. Por último, a seção de considerações finais.

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E ATUALIZAÇÃO

Na literatura sobre tradução, adaptação e atualização de obras literárias, muitos autores têm enfatizado o caráter conflitante desses conceitos, que, por vezes, chegam a ser antagônicos (Milton; Torres, 2003). Mesmo que seja possível encontrar trabalhos que buscam abordar os fenômenos de tradução e adaptação, essas práticas cercam-se de fronteira(s) ainda indefinida(s), levando a divergências entre os autores ao tentarem descrever a natureza de ambas (Frio, 2013).

Georges Bastin (2011, p. 10, tradução nossa) vê a adaptação como um “conjunto de operações tradutórias que resulta em um texto que geralmente não é aceito como tradução, mas que, no entanto, é reconhecido como uma representação do texto-fonte”. Conforme o autor (p. 7), é importante compreender a adaptação como uma outra face do ato tradutório, um tipo de processo criativo que busca restaurar o fluxo da comunicação que geralmente é interrompido em outras formas de tradução. Por outro lado, ele reconhece a centralidade da adaptação nos Estudos da Tradução, embora ela escape a uma *classificação estanque*. Na atualidade, o termo vem sendo empregado de forma mais abrangente, para contemplar noções como apropriação, domesticação e imitação, entre outras, sem se limitar à



adaptação cultural de termos e expressões. Por isso, nos últimos dois séculos ela é empregada quando há *mudança de época e/ou de leitores*:

Com a proliferação de documentos [...], em que as necessidades comunicativas sobressaem às estilísticas, a adaptação parece ter se tornado uma prática comum, envolvendo, muitas vezes, a reescritura do texto para *novos leitores*, mantendo, entretanto, *equivalência* entre texto de partida e texto de chegada (Bastin, 2011, p. 10, tradução nossa, grifo nosso).

É interessante destacar como a adaptação vai se acomodando a práticas mais recentes de tradução como equivalência, visando alcançar públicos até então não alcançados – são os “novos leitores” –, o que remete aos objetivos da CPB quanto aos processos de adaptação e atualização da linguagem de Ellen G. White, com seus objetivos de alcançar novos públicos. Da mesma forma, a ênfase de Bastin nas “*necessidades comunicativas*”, em detrimento das estilísticas, é outro ponto que aproxima a teoria e a prática da adaptação, cujo foco se concentra mais na recepção que no estilo do texto de partida.

Em termos semelhantes a Bastin, Hutcheon (2006) destaca que, ao se adaptar determinada obra para uma linguagem mais atual, transita-se por um processo de recriação que, embora distinto da tradução, compartilha com ela certas operações interpretativas e transformadoras. Adaptar é recontar, transpor e reinterpretar, continua a autora, sempre em diálogo com um novo contexto e um novo público, o que implica necessariamente *escolhas e reconfigurações criativas* (ênfase adicionada).

Por sua vez, Gambier (1992) discute que os estudos da tradução são atravessados por posturas ideológicas que limitam o estatuto da tradução à prática tradutória entre línguas diferentes, relegando todas as outras à categoria de adaptação. Ele incentiva o questionamento das relações entre adaptação, retradução e revisão de uma obra, porque, para ele, entre as três acepções parece haver apenas uma diferença de grau de retoques/transformações trazidas no texto traduzido. O autor defende que

a retradução seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, na íntegra ou em parte, partindo do texto-fonte. Ela estaria ligada à noção de reatualização de textos, determinada



pela evolução dos receptores, de seus gostos, de suas necessidades, de suas competências (Gambier, 1992, p. 413).

A pesquisadora brasileira Fernanda Frio (2013, p. 17) traz à tona certo preconceito vigente entre alguns pesquisadores que consideram a adaptação como um “subproduto da tradução”; por outro lado, ela defende que a prática como fenômeno com existência independente, merece atenção e deve ser considerada um acontecimento por si só, que pode recorrer ou não à tradução.

A adaptação, portanto, seria um método a ser aplicado quando a tradução tencionasse ser natural, fluida, como se fosse um texto primeiramente concebido na língua e cultura de chegada, para dar conta de contextos socioculturais mais amplos que, se não adaptados, poderiam causar estranhamento ao público leitor e denunciar a condição de tradução do texto (Frio, 2013, p. 22).

Conforme Frio, a adaptação seria a alteração, em algum nível, de um texto para responder às necessidades de um novo público-alvo; isto é, adaptar ou atualizar a linguagem para ter mais fluidez e ser de fácil compreensão, seja para crianças ou jovens. Como um modo de produção antigo, a adaptação é também um processo de reciclagem e atualização de uma tradução pela releitura de um texto primeiro, reescrito sob um novo olhar, através de uma seleção lexical minuciosa que estará em conformidade com o que se espera alcançar e provocar em determinado público.

As concepções de Julie Sanders (2006, p. 19) colocam a adaptação como “uma tentativa mais simples de tornar textos ‘relevantes’ mais facilmente compreensíveis para novos públicos e novos hábitos de leitura, através dos processos de aproximação e atualização”. Além disso, a autora acrescenta que, no processo de aproximação e atualização, com frequência é necessário remover ou adicionar informações, cujo texto resultante pode se tornar mais rico ou mais pobre que o texto-fonte, criando um afastamento daquele.

Ponderando sobre as diferentes visões a respeito da adaptação, é possível pensá-la como um modo de operar uma travessia, não no sentido literal, mas simbólica, em que o respeito à obra de origem convive com a necessidade de reinvenção para assegurar sua ressonância no presente: uma reinvenção para ressignificar o texto de outra maneira, por outros caminhos — ou seja, uma reescrita, nos termos de Lefevere (2007), que caminha lado a lado com o texto que deu origem



à tradução primeira, a qual continua a alimentar qualquer processo de reescrita que venha depois dela, seja retradução, compilação, versões resumidas, adaptação, atualização, entre outras.

É interessante observar nas definições sobre adaptação que aparecem diferentes acepções sobre o termo; entretanto, a adaptação como uma prática que visa alcançar um novo público-alvo se sobressai como um dos principais objetivos. Outro ponto latente é a consideração da adaptação como um processo que se concebe em estreita relação com a tradução, mesmo que alguns autores a vejam como um subproduto desta. O caráter criativo e intervencionista da adaptação também se destaca, apontando para a impossibilidade de se ter uma adaptação livre da influência de quem adapta, visto ser um processo que envolve escolhas subjetivas, sejam de vocabulários mais atuais ou de estruturas menos engessadas. Essa subjetividade se mescla com o texto e o estilo da autoria, levando a modificações e reconfigurações criativas no texto atualizado.

CONTEXTO

A partir de entrevistas (Ellen, 2015; Tonetti, 2020), artigos (Cardoso, 2011; Tonetti, 2017; 2020; 2021) e podcast (Atualização, 2020) da equipe editorial da CPB, responsável pelos projetos de atualização e adaptação de livros de Ellen White, é possível entender como o trabalho vêm sendo realizado. Os editores trazem as definições de atualização e adaptação e explicam os caminhos seguidos pela editora para alcançar seus objetivos nesses grandes projetos. Eduardo Rueda (um dos editores à frente do projeto de *atualização* à época da entrevista) define o termo como um processo de *substituição* de palavras, expressões e estruturas linguísticas ultrapassadas por vocábulos mais *atuais*, menos rebuscados e mais fáceis de entender, com a ressalva de *manter o sentido e o estilo* originais da autora. Como exemplo de atualização então os livros *O Desejado de Todas as Nações* (obra escolhida para esta reflexão),⁴ *Orientação da Criança* e *História da Redenção*, entre outros.

⁴ Para fins de consistência textual, este artigo utiliza três edições derivadas da obra “O Desejado de Todas as Nações”, de Ellen G. White: “O Desejado de Todas as Nações” (2007), “O Libertador” (2019) e “O Desejado de Todas as Nações” (2021). Ao mencionar qualquer um desses títulos acompanhados do respectivo ano, estarei me referindo a essas edições específicas da mesma obra-fonte.



Quanto à *adaptação*, trata-se, conforme Rueda, de “uma adequação literária” do texto original para determinado propósito ou público específico, podendo ter a *linguagem simplificada* e o tamanho reduzido ou condensado. O editor enfatiza a *proximidade* com os vocabulários da autora, a *eliminação de frases complexas* e a *substituição de palavras desconhecidas*.

Os destaques em itálico visam chamar a atenção para o emprego de termos que se entrelaçam nas suas definições: de um lado temos a “atualização”, como *substituição* de palavras, manutenção do sentido e estilo da obra; de outro, a “adaptação”, como um processo de adequação, *manutenção das palavras da autora*, abandono de frases complexas, *substituição* de palavras desconhecidas e linguagem de hoje. Se excluirmos a destinação do texto a públicos específicos, como adolescentes e jovens, e a possibilidade de redução e simplificação da obra na adaptação, perceberemos que atualização e adaptação carregam efeitos de sentido similares e, por isso, se complementam.

Entendemos que quando os editores afirmam que a CPB tem procurado “melhorar a linguagem dos livros de Ellen White” devido ao caráter antigo das traduções, não objetivam outra coisa que a boa legibilidade do texto em termos gerais. De igual modo, ao explicarem o processo de adaptação no Podcast #22 (Atualização, 2020) e na entrevista com Oliveira (2017), esses editores ressaltam a necessidade de “uma atualização mais profunda da linguagem”, que seja acessível e visual, que passe da linguagem do século 19 para a do século 21, conforme reforça Oliveira (2017). Como exemplo, a trajetória da obra *A Grande Esperança*, livro missionário de 2012 — seleção de 11 capítulos de *O Grande Conflito* condensado, é considerada uma adaptação. Embora sejam capítulos extraídos de *O Grande Conflito*, Cardoso (2011, p. 21-22) enfatiza que “as adaptações nunca substituirão os volumes originais [...], porém estão suprimindo uma necessidade que irá complementar e chamar atenção para a obra original”.

Ainda sobre o Podcast#22, chama a atenção a ênfase da equipe editorial sobre a afirmação de que “o *sentido e estilo originais, as ideias e a essência do texto*” ficam inalterados, ao se referirem aos projetos. Sem dúvida, é desejável a exigência editorial de que quem traduza, revise, atualize ou adapte alguma obra não altere o texto original. Podemos comparar o seguinte texto presente em duas edições: (1) “Quando quer que apareçam circunstâncias que ameacem divisão, cumpre-nos seguir



o exemplo de Jesus e de João Batista” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 142, versão de 2007) e (2) “Sempre que alguma circunstância ameace causar divisões, devemos seguir o exemplo de Jesus e o de João Batista” (*O Libertador*, p. 114, versão de 2019). Nesse caso, observa-se que “as ideias e a essência do texto”, à primeira vista parecem inalteradas no excerto de 2019, enquanto “o estilo original da autora” não se mantém tal qual anteriormente, o que se justifica pela própria passagem do tempo. Ademais, o texto de 2019 carrega sinais de atualização e simplificação e revela a presença de um intermediador entre o texto-fonte e os leitores, mostrando um processo de reinterpretação ou ajustes no texto para atender ao novo público em um contexto diferente.

No excerto (1), a tradução de 2007, além de soar mais neutra e impessoal, apresenta estruturas arcaizantes como: “*quando quer que apareçam circunstâncias que ameacem divisão*” e “*cumpre-nos seguir*”, as quais são substituídas, o que indica preocupação explicativa, que resulta em adaptações orientadas para o público contemporâneo. São modificações estilísticas e sintáticas que evidenciam não apenas dois estilos distintos, mas também dois modos de mediação do conteúdo: um que preserva a forma clássica e outro que reinterpreta para facilitar a compreensão.

É interessante considerar que, no passado, os textos de Ellen White se amoldaram ao estilo dos tradutores e às exigências editoriais das décadas de 1950-1970, buscando, sobretudo, não atropelar o estilo da autora, o que nem sempre aconteceu pelas diferentes reescritas que historicamente são discutidas (Keiser, 2015). Da mesma forma, o desejo de que as adaptações e atualizações não interfiram no estilo da autora e no seu modo característico de se expressar, conforme critérios da equipe editorial (Atualização, 2020), não é garantia de que isso vá acontecer. Quando um texto, como o exemplo acima, é adaptado para a linguagem de hoje, com o objetivo de torná-lo atualizado e mais acessível e legível para o leitorado pretendido, as peculiaridades e preferências de quem está traduzindo, revisando, adaptando e editorando se mesclam às da autoria do texto e exibem certo grau de retoques e transformações que indicam um estilo atualizado, mas um texto diferente, produzido a várias mãos.

Em relação à fortuna crítica oriunda do público-leitor jovem a quem se destinam tais adaptações e atualizações dos textos de Ellen White, no Podcast #22 (Atualização, 2020), o editor Rueda, coordenador editorial das atualizações à época



da entrevista, e a editora Neila Oliveira (Ellen, 2015; Atualização, 2020), responsável pelas adaptações da série Conflito, em tom otimista, falam do retorno que a CPB vem recebendo, o qual tem sido muito positivo, acompanhado de relatos, não só de leitores adolescentes e jovens, mas também do público adulto, que dizem ter agora maior facilidade de compreender textos obscuros e mais prazer na leitura, graças à atualização que tornou a linguagem mais acessível. Os editores têm esperança de que os textos mais profundos e complexos agora sejam compreendidos com mais facilidade e clareza.

A editora Neila Oliveira, em entrevista com Tonetti (Ellen, 2015; Atualização, 2020), ratifica o impacto positivo das adaptações para adolescentes e jovens, mas também ressalta o interesse que os departamentos de educação têm demonstrado pelo material. Segundo Oliveira (Ellen, 2015), o novo visual colorido da coleção também tem sido elogiado pelos diferentes públicos, e atraído o público a que se destina, principalmente, pela facilidade de leitura. Em 2020, cinco anos depois do início das adaptações da série Conflito, Oliveira comemora animada, pois o projeto tem alcançado uma dimensão muito maior do que a equipe estimava.

CLÁSSICOS DE ELLEN WHITE: CRITÉRIOS DE ATUALIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO

A equipe editorial procurou esclarecer, por meio de podcasts e entrevistas, os critérios adotados para os projetos de revisão, atualização e adaptação dos livros de Ellen White, que seguem as práticas em andamento nos depositários do Patrimônio Literário de Ellen G. White, desde 2007. Naquele contexto, atualizações, adaptações e paráfrases de alguns livros da autora vêm acontecendo, cujo propósito é tornar os textos em inglês mais acessíveis aos leitores do século 21. Oliveira e Rueda (Atualização, 2020) declaram ter seguido os passos dos depositários, e em 2011, a CPB iniciou os projetos.

Entre os critérios elencados, os editores responsáveis destacam: a atualização da linguagem do texto de White, sem interferir no estilo da autora e no seu modo característico de se expressar; a simplificação da linguagem sem alterar a mensagem, isto é, os editores se preocuparam em não fugir “*muito*” das palavras usadas por White, tomando o cuidado para não perder a força da composição literária da autora; a substituição de arcaísmos (ou termos e expressões em desuso) por vocábulos atuais, além da permutação do pronome arcaico “vós”, em desuso pela



própria dinâmica da língua, por “você” ou “vocês”; revisão e atualização da grafia das palavras, conforme as regras ortográficas vigentes; alteração das versões bíblicas para versões mais atuais que priorizem a clarificação do sentido de passagens obscuras; correção de erros de tradução, que possam ter passado despercebidos pelos tradutores e revisores. Por último, Oliveira (Ellen, 2015) também destacou a escolha de tradutores jovens como um importante critério para se alcançar o objetivo proposto.

Chama a atenção quando a equipe editorial estabelece como critério a simplificação da linguagem e, entre outras exigências, destaca que, ao seguir as atualizações, se preocuparam em não fugir “ *muito*” das palavras usadas pela autora. Destaquei o advérbio “muito” porque soa como uma ressalva legítima que atesta a impossibilidade de não interferências em qualquer texto, sem que haja algum tipo de perda. Por trás da simplificação de um texto, do processo de substituição de frases complexas, vocabulários desconhecidos ou ultrapassados, há escolhas pessoais e decisões subjetivas que não passam ilesas.

APRECIACÕES

Tim Poirier (2024), vice-diretor do Patrimônio Literário de Ellen G. White, nos Estados Unidos, em seu artigo: “A verdade sobre as compilações”, destaca algumas críticas e preocupações relativas principalmente às compilações das obras de Ellen White. Com o propósito de promover a transparência sobre os livros da autora, Poirier descreve os preconceitos e até inverdades que têm prejudicado a confiabilidade das compilações. O autor elenca as críticas do público leitor, entre elas: a crença de que os materiais compilados não fazem parte dos escritos de White, portanto, não são inspirados; que as compilações alteram as palavras; distorcem seus ensinamentos; e refletem as perspectivas de quem compila. Segundo Poirier, de fato, são preocupações legítimas, visto que Ellen White já se preocupou com isso em seu tempo. Muitas publicações distorcem os ensinamentos de White, visto que, com frequência, quem compila ou faz adaptações dá ênfase apenas àquilo que lhe interessa.

Por outro lado, é preciso deixar claro aos críticos das adaptações e compilações que os esforços do Patrimônio Literário e, no caso específico, da CPB, têm atraído o leitorado mais jovem que, de outra forma, não teria interesse em ler



os textos de White. Algumas alegações de leitores mais maduros e/ou conservadores, que resistem às mudanças na linguagem de textos que consideram inspirados, partem do pressuposto de que a tradução já é uma interpretação, o que reforça o preconceito de que as atualizações são desconstruções seculares que podem afastar os leitores (Cardoso, 2011; Keiser, 2015).

Outros, ainda dentre os mais conservadores, chegam a dizer que as adaptações e atualizações têm sido uma violação e “manipulação da linguagem inspirada”, como é o caso de Paulson (2014), em seu artigo “The insertion of gender-inclusive language in recent Ellen White compilations” [A inclusão da linguagem inclusiva de gênero em compilações atuais de Ellen White]. Ele faz várias considerações, além de criticar severamente o que chama de adulteração e omissão, ao comentar e combater o prefácio da obra *Christ Triumphant* [Cristo Triunfante], de Ellen White. Nesse prefácio, os editores justificam suas mudanças dizendo que:

Como os escritores da Bíblia, Ellen White usou a linguagem de sua época. No entanto, os estilos de escrita mudam, assim como os significados das palavras. [...]. No seu tempo, palavras como “ele”, “homem” e “homens” eram aceitas como termos genéricos que incluíam homens e mulheres. Hoje, isso já não é tão comum. Assim, sem fazer qualquer mudança no pensamento de Ellen White, este devocional usa a linguagem inclusiva de gênero.⁵

Acredito que essa mesma linguagem cumpre o papel de aproximar as novas gerações dos textos de White, nessa dinâmica do processo de adaptação. A equipe editorial à frente dos projetos, por sua vez, reconhece que no caso da adaptação, como há intervenção de tradutores, adaptadores, revisores e editores, o risco de distorção da mensagem original é maior, conforme indica Cardoso (2011). Sem dúvida, é uma preocupação válida, mas ela não pode impedir que os clássicos da autora sejam atualizados, considerando que os textos traduzidos há longo tempo continuam à disposição em sua forma original para leitura e comparação.

A crítica feita por Paulson (2014), em resposta ao prefácio do Patrimônio Literário, até certo ponto justifica sua inquietação com as mudanças,

⁵ Like the Bible writers, Ellen White used the language of her day. However, writing styles change, as do meanings of words. [...]. In her time, words such as “he,” “man,” “men,” and “mankind” were accepted as generic terms that included both men and women. Today, this is not so common. Thus, without making any change in Ellen White’s thought, this devotional book uses gender-inclusive language.



primeiramente, porque, conforme discute, muitas igrejas não têm ciência dessas alterações. O autor alega também que a membresia não tem tempo de ler os prefácios, introduções ou outros comentários feitos nas obras para poderem se posicionar. Para ele, as alterações para uma linguagem mais inclusiva envolvem mais do que empregar palavras mais familiares aos leitores modernos, visto que elas têm gerado impacto em debates sobre ideias e práticas e não simplesmente sobre palavras. Ele diz: “Esta adaptação linguística está sendo confundida com as palavras originais de Ellen White” (Paulson, 2014).⁶

Bezerra (2015, p. 238), ao contrário de Paulson, chama atenção para o que denomina um “critério especialmente inovador em algumas traduções contemporâneas”, isto é, a maior ou menor sensibilidade à questão do gênero. Para o professor e pesquisador, “não se trata apenas de se indagar o que diz o texto antigo em suas línguas originais, mas como esse dizer é recebido, compreendido e transmitido para os leitores através das traduções” (Bezerra, 2015, p. 239).

Como leitora dos textos de Ellen White, tenho observado que, no geral, as adaptações para linguagem de hoje têm sido bem-sinalizadas nos paratextos. Entretanto, ao me deparar com a 23ª edição do livro *O Desejado de Todas as Nações* (2021), obra escolhida por ser atualizada (segundo o site da CPB), para comparação com a versão mais antiga (2007), percebi que não há nada que indique que a obra está atualizada, nem na capa, nem no prefácio ou qualquer outro lugar. Todavia, ao analisar os mesmos excertos selecionados para comparação, ficam evidentes as alterações feitas em relação à versão antiga da obra. Desse modo, os leitores com os livros em mãos provavelmente observarão as mudanças, mas não saberão que se trata de uma versão atualizada.

Acredito, por fim, que as críticas que a atualização e adaptação têm recebido podem se dar por desconhecimento quanto à proposta dos projetos e pelo mau uso das obras para os fins aos quais não foram pensadas. Mais do que isso, essas críticas evidenciam a natureza sensível do texto de Ellen White a mudanças de qualquer natureza, por ser religioso, assim como acontece com o texto bíblico. Isso está de acordo com o que Simms (1997, p. 19) fala em relação a textos ditos “intocáveis”, em cuja categoria poderíamos enquadrar os de Ellen White, a partir da visão de leitores mais tradicionais. É um status obtido que já vem da tradição, da história e

⁶ This adjusted language is being mistaken for Ellen White’s original wording.



dos usos que se fez e se faz desse tipo de texto, ao longo do tempo. Por isso, o ato de revisar, atualizar e adaptar torna-se extremamente delicado, pois é a forma como o texto é visto que o torna sensível. Como ponderou Gohn (2001, p. 149),

os textos sagrados são sensíveis porque eles são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião. Há de se reconhecer, assim, que alguma coisa de peculiar existe em relação a sua tradução [atualização e adaptação]. O que se observa com esse tipo de textos é que [...] há um grande envolvimento emocional por parte dos usuários, e reações extremadas por parte dos ouvintes/leitores podem ser esperadas.

Ou seja, quando essas possíveis objeções se manifestam, sejam na tradução, atualização e/ou adaptação, elas acabam sendo alvo de críticas favoráveis ou contrárias.

Lopes (2008), ao falar sobre a realidade das traduções da Bíblia, à semelhança de Gohn, destaca a sensibilidade a esse tipo de tradução ou atualização, por ser encarado como a revelação de Deus. A autora, ao se referir às traduções do texto bíblico, comenta:

Uma tradução antiga se torna uma base para as demais e constitui-se como o texto sagrado, tornando-se um padrão. Por isso, muitos têm dificuldade em aceitar uma nova tradução, mesmo que esta seja mais compreensível e corresponda mais à realidade linguística atual (Gohn, 2001, p. 56).

Igualmente, Faria (*apud* Gabriel, 2017), editor de Bíblias da editora Mundo Cristão, confirma o pressuposto de Gohn (2001), ao lembrar as críticas e os estranhamentos dirigidos ao texto da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, de 2000, pelos meios mais conservadores, na direção da linguagem coloquial. Na mesma medida, as Bíblias em versões atualizadas, como a *Nova Almeida Atualizada* (2023), vêm recebendo críticas. O fato de haver outras traduções da Bíblia já consagradas e tidas como fontes autoritativas contribui para a desconfiança dos leitores. Entretanto, Faria destaca que, embora se espere que uma tradução da Bíblia seja fiel ao texto-fonte, sua mensagem precisa ser acessível ao leitor contemporâneo, pois, do contrário, o texto sagrado se tornaria apenas uma relíquia do passado.



ANÁLISE

A partir das considerações sobre tradução, adaptação e atualização, entende-se que a CPB vem promovendo atualizações gerais em textos selecionados de Ellen White, as quais afiguram-se também como revisões, retraduições e adaptações. Quando comparamos os fragmentos traduzidos a partir do texto-fonte, mas que foram adaptados para uma linguagem contemporânea, em termos textuais nem sempre há ressonância linguística, cultural e estrutural entre as versões; daí, a necessidade de se ir além, procedendo a mudanças no texto de chegada. Para exemplificar, apresento um fragmento da versão atualizada e outro da adaptada na linguagem de hoje, da Série Conflito, em comparação ao texto-fonte e à tradução de décadas passadas.

Os fariseus tinham acabado de expulsar uma ovelha do aprisco por ter ousado testemunhar do poder de Cristo. Havia excluído uma pessoa que o verdadeiro Pastor estava atraindo para Si. Nisso haviam mostrado que desconheciam a obra confiada a eles e eram indignos do legado que receberam como pastores do rebanho (White, 2021, p. 383-384).

Os fariseus haviam acabado de tirar uma ovelha do curral por ousar dar testemunho do poder de Cristo. Excluíram alguém a quem o verdadeiro Pastor estava atraindo para Si. Fazendo isso, mostraram ser indignos de confiança como pastores do rebanho (White, 2019, p. 328).

Os fariseus acabavam de expulsar uma ovelha do redil, por haver ousado testificar do poder de Cristo. Excluíram uma alma a quem o verdadeiro Pastor estava atraindo para Si. Nisto se mostraram ignorantes da obra a eles confiada, e indignos do legado que lhes fora entregue como pastores do rebanho (White, 2007, p. 417).⁷

Ao comparar as três versões em português de um mesmo trecho do texto-fonte em inglês, observa-se uma perda significativa de ressonância linguística e cultural nas traduções mais recentes. A versão de 2007 conserva com maior fidelidade a densidade lexical e a carga religiosa do texto-fonte, ao manter termos como “redil” (em lugar de “curral”) e “alma” (em lugar de “alguém” ou “pessoa”), preservando o campo semântico bíblico.

⁷ “The Pharisees had just driven one from the fold, because he dared to bear witness to the power of Christ. They had cut off a soul whom the True Shepherd was drawing to Himself. In this they had shown themselves ignorant of the work committed to them, and unworthy of their trust as shepherds of the flock”.



As atualizações e adaptações das versões de 2019 e 2021 adotam um vocabulário mais simples e atual, com expressões que abrandam a carga espiritual e a crítica implícita aos fariseus. Por exemplo, “curral” carrega uma conotação mais rural, que se afasta da metáfora pastoral contida em “*fold*” (aprisco/redil), por isso, o emprego do vocábulo “curral” não parece ser o mais adequado no contexto da linguagem de hoje, pois soa demasiado popular, suprimindo o tom solene do assunto. Para ilustrar, recorri a uma frase do livro *O Desejado de Todas as Nações* (p. 338, versão de 2007), em que lemos: “Jesus é a porta do *redil* de Deus.” Imagine se esse texto fosse adaptado, conforme a versão de 2019, como: “Jesus é a porta do *curral* de Deus”? É provável que haveria estranhamento não só por parte dos jovens, mas também por leitores mais tradicionais. Na versão atualizada de 2021, “redil” acertadamente foi substituído por “aprisco”, vocábulo empregado em versões mais recentes da bíblia (como a *Nova Almeida Atualizada*). Sob a perspectiva atual, “aprisco” carrega uma acepção mais suave e religiosa por aparecer mais comumente no contexto bíblico, ao contrário de “redil”, que pouco aparece no português moderno.

Ademais, o segmento “*ignorant of the work committed to them*” foi omitido parcialmente ou reformulado na versão de 2019, o que levou ao abrandamento da acusação de desleixo espiritual atribuída aos líderes religiosos. Tais alterações não apenas privam os leitores de parte relevante da informação, embora esteja posto que os textos dessa série são condensados, como também evidenciam uma linguagem com teor mais ético-comportamental. Constata-se, por sua vez, que as escolhas lexicais e sintáticas nas versões modernas comprometem a fidelidade semântica e estilística do texto-fonte.

A seguir, conforme anunciado na metodologia, outros fragmentos extraídos de *O Desejado de Todas as Nações* (em três versões diferentes) serão comparados nas versões de 2021 (que a editora chama de “atualizada”), de 2019 (sinalizada na capa como “na linguagem de hoje”) e de 2007. A partir disso, apresentam-se quatro quadros com fragmentos sinalizados nas três versões, formando uma sequência de vocábulos que nos ajudarão a perceber as diferenças quanto ao léxico:



Quadro 1: Léxico: arcaísmos (ou termos em desuso) - substituição de substantivos, adjetivos e verbos

FRAGMENTOS		
1 - <i>O Desejado de Todas as Nações</i> (2007)	2 - <i>O Desejado de Todas as Nações</i> , versão atualizada (2021)	3 - <i>O Libertador</i> (2019 – na linguagem de hoje)
A - Por fim Caifás, erguendo para o Céu a mão direita, dirigiu-se a Jesus na forma de um solene juramento: “ Conjuro -Te pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus” (Mt 26:63) – p. 619.	Por fim Caifás, levantando a mão direita para o céu, dirigiu-se a Jesus na forma de um solene juramento: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus” (Mt 26:63) – p. 565.	Finalmente, Caifás se dirigiu a Jesus na forma de um juramento solene: “Exijo que Você jure pelo Deus vivo: se Você é o Cristo, o Filho de Deus, diga-nos (Mt 26:63) – p. 406.
B - O puro elemento do amor dará expansão à alma, comunicando-lhe capacidade para altas consequências , para maior conhecimento das coisas celestes, de maneira que ela não fique aquém da plenitude – p. 252.	O puro elemento do amor expandirá o coração, comunicando-lhe capacidade para altas conquistas para maior conhecimento das coisas celestiais, de maneira que a pessoa não fique aquém da plenitude – p. 235.	O amor nos fará crescer espiritualmente nos dando capacidade para maiores realizações , para um maior conhecimento das coisas celestiais, de modo que não fiquemos sem alcançar a plenitude – p. 174.
C - Pilatos olhou para o homem que guardava Jesus, e depois seu olhar pousou perscrutadoramente no mesmo Jesus – p. 635.	Pilatos olhou para o guarda que estava com Jesus, e depois seu olhar se dirigiu atentamente para Cristo – p.580.	[Pilatos] voltou-se para ver que tipo de homem tinha que interrogar. Ele olhou atentamente para Jesus – p. 416.
D - Se pudessem ver o fim desde o princípio, e perscrutar a glória do desígnio que estão realizando como colaboradores Seus – p. 183.	Se pudessem ver o fim desde o início e perceber a glória do plano que estão realizando como Seus colaboradores – p. 173.	Se pudessem ver o fim desde o começo e discernir o propósito que estão cumprindo como Seus colaboradores – p. 127.
E - Pilatos convenceu-se de que se urdira artificioso trama	Pilatos estava convencido de que fora elaborado um plano	[Pilatos] estava convencido de que havia



contra um Inocente que embaraçava o caminho dos dignitários judeus – p. 638.	secreto contra um inocente que perturbava os líderes judaicos – p. 582.	uma conspiração para destruir um homem inocente – p. 418.
F - Da ferida assim feita saíram duas copiosas e distintas correntes , uma de sangue, outra de água – p. 679.	Da ferida feita, saíram duas substancias abundantes e distintas: uma foi sangue e a outra, água – p. 619.	Do corte saíram dois líquidos diferentes : um era sangue e o outro, água – p. 443.
G - Muitos choraram, possuídos de simpatia por um pesar que não podiam compreender – p. 499.	Muitos choraram cheios de compaixão , com um pesar que não conseguiam compreender – p. 458.	Muitos choravam por empatia , com uma dor que não podiam compreender – p. 332.
H - Foram possuídos de uma simpatia que não podiam compreender – p. 504.	Foram possuídos de uma compaixão que não conseguiam compreender – p. 463.	Foram movidos por uma simpatia que não podiam entender – p. 335.
I - Uma severa acusação haveria endurecido Simão contra o arrependimento, mas a paciente admoestação o convenceu de seu erro – p. 492.	Uma acusação severa teria endurecido o coração de Simão, impedindo o arrependimento; mas a advertência paciente o convenceu de seu erro – p. 451.	Uma acusação severa teria endurecido Simão contra o arrependimento, mas a paciente correção o convenceu do seu erro – p. 327.

Fonte: elaborado pela própria autora.

Considerando os fragmentos selecionados e as respectivas atualizações e adaptações, de modo geral, evidencia-se que a coluna 1 (versão de 2007) destaca-se por sua linguagem clássica, com vocabulários, no geral, que ecoam não só o estilo bíblico e literário, mas também termos arcaicos e em desuso; exemplos: os verbos “conjurar”, “urdir” e “perscrutar”, os substantivos “consecuções” e “admoestação”, os adjetivos “copiosas” e “dignatários”, só para citar alguns. Além disso, os textos se apresentam em tom solene, com metáforas e sintaxe elaborada e mais densidade emocional, como no exemplo do excerto E: “se urdira artificioso trama” e “seu olhar pousou perscrutadoramente”.



Os textos das colunas 2 e 3, no geral, se voltaram especialmente para as novas gerações, com o propósito de entregar textos com roupagem atualizada. Esses, embora respeitem o estilo clássico, processam adaptações de algumas formas gramaticais para facilitar a leitura moderna. Sobre os fragmentos da coluna 2, de modo específico, observa-se que a versão de 2021 busca um meio-termo, com mais clareza, sem perder a profundidade; embora torne a complexidade menos obscura, adapta-se a uma leitura mais contemporânea e a públicos mais gerais. No entanto, vocábulos mais formais são mantidos nessa versão, como se percebe na coluna 2, no terceiro fragmento: “seu olhar se dirigiu atentamente para Cristo”, que é uma construção mais comum, mas ainda formal, assim como o uso teológico e reverente do título “Cristo”, em vez do nome “Jesus”.

Quanto aos fragmentos da coluna 3 (versão de 2019), os textos privilegiam a objetividade e a simplicidade, se mostrando mais atualizados, com linguagem acessível e adaptada ao leitorado contemporâneo; os termos “empatia” e “dor” (excerto **G**) tanto atendem a um público jovem quanto ao leigo. Por outro lado, embora os textos ofereçam uma linguagem simples, interpretativa e moderna, eles perdem, sob a minha ótica, parte do tom solene e reverente das versões anteriores. Em parte, vejo a versão adaptada mais empobrecida quanto à beleza literária, profundidade e camadas simbólicas, como, por exemplo, o excerto **E**, em que toda a simbologia do julgamento de Jesus se resumiu a “havia uma conspiração”. Apesar disso, a redução do texto na linguagem de hoje confirma as estratégias da equipe editorial quanto à harmonização vocabular e mesmo da estrutura frasal, embora num estilo mais objetivo.

Como se observa, há uma predominância da simples substituição de, por exemplo, um substantivo por outro, um verbo por outro na maior parte dos exemplos que envolvem arcaísmos. No entanto, em outros casos, os revisores e adaptadores tiveram que recorrer à reconstrução de parte do texto, como se vê no exemplo do fragmento **D**, em que o verbo “perscrutar” foi substituído por “perceber” e “discernir”, e no fragmento **A**, em que o verbo “conjuro-te” deu lugar a “Exijo que Você jure”, uma reconstrução frasal completa, que não só altera o ritmo e o foco da frase, mas também o seu tom estilístico.

Sobre o vocábulo “*sympathy*”, que foi traduzido na série Conflito, em grande parte dos contextos, como “simpatia” (fragmentos **G** e **H**), é um exemplo de falso



cognato. No português atual, “simpatia” remete a amabilidade ou afabilidade, enquanto o original inglês “*sympathy*” implica um sentimento profundo de compaixão diante do sofrimento alheio. Assim, quando se traduz literalmente, a carga emocional e espiritual do enunciado fica comprometida, especialmente nos contextos religiosos ou afetivos, como é o caso dos textos de Ellen G. White. Seria mais apropriado, nesses casos, traduzir como “compaixão” ou “empatia”, como se observou nos fragmentos acima.

Quadro 2 - Expressões adverbiais antigas de uso raro

<i>O Desejado de Todas as Nações</i> (2007)	<i>O Desejado de Todas as Nações</i> , versão atualizada (2021)	<i>O Libertador</i> (2019 – na linguagem de hoje)
A - Mui ternamente, mas com solene acento , Jesus procurou corrigir o mal – p. 379.	Com grande ternura , mas com solene clareza , Jesus procurou corrigir o mal – p. 349.	Jesus tentou corrigir o mal – p. 256.
B - Mais tarde, naquelas últimas horas antes da crucifixão, as palavras de Filipe foram de molde a desanimar a fé – p. 242.	Mais tarde, naquelas últimas horas antes da crucifixão, as palavras de Filipe desanimaram sua fé – p. 226 (exclusão).	De novo, nas últimas horas antes da crucifixão, as palavras de Filipe foram do tipo que fazem desanimar a fé – p. 168.
C - [...] estendiam as vestes exteriores à guisa de tapete em Seu caminho, e também espalharam ramos de oliveira e palmas por onde devia passar – p. 495.	[...] mas estendiam as vestes exteriores como um tapete em Seu caminho, e também espalharam ramos de oliveira e palmas por onde Ele passaria – p. 454.	[...] estenderam suas capas sobre o caminho para servir de tapete, e espalharam ramos de oliveira e palma por onde Ele ia passar – p. 330.

Fonte: elaborado pela própria autora.

Quando se observa as versões atualizadas e na linguagem de hoje, as locuções complexas foram simplificadas para tornar o texto mais acessível e menos informal; é o que se vê quando “à guisa de”, “mui”, “de molde a” foram eliminados para dar lugar a formas mais coloquiais. Por exemplo, a locução adverbial arcaica “à guisa de”, com seu valor comparativo no texto, é considerada rebuscada; por isso, foi substituída pela comparação direta “como” ou pela forma reestruturada “para servir



de”, conferindo mais clareza e familiaridade ao texto. Já a forma arcaica e poética “mui”, em desuso na linguagem atual, foi substituída por “com grande ternura”, o que trouxe ao texto um tom de afetividade, com mais naturalidade. A locução adverbial causal “de molde a”, construção formal e rara no uso atual, deu lugar à estrutura causal mais coloquial, “do tipo que”, na versão de 2019, cuja mudança, além de deixar o texto mais direto, eliminou a formalidade arcaica da locução. Se pensarmos no impacto estilístico, as versões modernas perderam parte do lirismo e da solenidade, características dos textos mais clássicos, mas ganharam em clareza, naturalidade e abrangência comunicativa.

Quadro 3 – Sobre a mesóclise em desuso na atualidade

<i>O Desejado de Todas as Nações</i> (2007)	<i>O Desejado de Todas as Nações</i> , versão atualizada (2021)	<i>O Libertador</i> (2019 – na linguagem de hoje)
A - Ao abrirem a porta à dúvida, o coração endureceu-se-lhes tanto mais quanto se havia por momentos abrandado – p. 190.	Ao abrirem a porta para a dúvida, após terem se comovido momentaneamente, o coração deles se endureceu ainda mais – p. 179.	Abriam a porta para a dúvida, e seus corações, que por pouco tempo foram enternecidos, agora estavam mais duros – p. 133.
B - Estimular-se-ia assim o exame das profecias – p. 203.	O exame das profecias seria estimulado – p. 191.	Isso gerava interesse no exame das profecias – p. 141.

Fonte: elaborado pela própria autora.

A mesóclise é um fenômeno que marca fortemente o tom arcaico e solene do português clássico. No caso dos excertos apresentados, percebe-se que o distanciamento formal é enfatizado como marca de texto antigo, seguido pela ênfase cumulativa com dois pronomes oblíquos na versão de 2007 (fragmento A). Sua substituição por formulações mais usuais no português brasileiro atual (próclise ou reformulação total da oração) reflete uma mudança de paradigma linguístico. Ou seja, na versão de 2021 percebe-se mais clareza sem sacrificar a profundidade; já na versão na linguagem de hoje, mais informal e fluente, identifica-se mais teor emocional e direto, com um texto menos denso.



Quadro 4 – Léxico: Linguagem Inclusiva

<i>O Desejado de Todas as Nações</i> (2007)	<i>O Desejado de Todas as Nações</i> , versão atualizada (2021)	<i>O Libertador</i> (2019 – na linguagem de hoje)
A - Naquele dia, Cristo não apresentará aos homens a grande obra que Ele fez em seu benefício, ao dar a própria vida pela redenção deles – p. 560.	Naquele dia, Cristo não apresentará às pessoas a grande obra que Ele fez em seu benefício, ao dar a própria vida pela sua redenção – p. 512.	Naquele dia, Cristo não apresenta diante de homens e mulheres a grande obra que Ele realizou por eles ao dar Sua vida – p. 438.
B - Anjos Lhe preparavam caminho ao ministério, movendo o coração dos homens e atraindo-os ao Salvador – p. 141.	Anjos preparavam o caminho para Seu ministério, tocando o coração das pessoas e atraindo-as ao Salvador – p. 191.	Anjos estavam preparando o caminho para o Seu ministério, trabalhando no coração das pessoas e atraindo-as para o Salvador – p. 141.
C - Nova vida e amor do Céu moviam o coração dos homens – p. 208.	Nova vida e amor do céu moviam o coração humano – p. 195.	O amor e o poder vindos do céu estavam comovendo corações humanos – p. 144.

Fonte: elaborado pela própria autora.

Embora sejam apenas três exemplos nas diferentes versões, observa-se que a questão da linguagem inclusiva tem se estabelecido cada vez mais como uma preocupação da CPB. Ao fazer uma busca por mudanças desse tipo na série Conflito, foi possível identificar alterações importantes nas obras. Os exemplos comprovam uma linguagem que contempla as questões de gênero nas retraduições e adaptações. Com essas escolhas, a equipe editorial adota uma posição de inclusão nas traduções, já que expressões como “homens e mulheres”, “pessoas”, “humanidade” e “humanos” são mais genéricas do que apenas “homens”. É importante ressaltar que as substituições de “homem(ns)” por expressões mais genéricas é uma atualização que vai além de mudanças linguísticas, mas abarca, na mesma medida, o aspecto sociocultural concernente aos tempos atuais.

É visível o entendimento de que tanto a proposta de atualização para a linguagem de hoje quanto a adaptação têm a ver com eliminação, por exemplo, de



palavras arcaicas em desuso e em substituí-las por termos “atuais”, além da revisão da ortografia e sintaxe. Outra preocupação dos editores foi com a legibilidade do texto, ou seja, empregar palavras, expressões e construções de frases mais familiares ao leitor do século 21.

Assim, ao se comparar as traduções das décadas de 1950-70 com as mais recentes “na linguagem de hoje”, é possível identificar um padrão seguido no processo de adaptação. Os objetivos da adaptação de ficar o mais próximo possível da forma do inglês dentro dos limites do português nem sempre foram alcançados. Por outro lado, respondendo à pergunta do título, entendemos que, a despeito de críticas ou descontentamentos, o processo de atualizações e adaptações de traduções para uma linguagem contemporânea é uma necessidade que não pode ser adiada. Os textos originais permanecem inalterados, mas as traduções envelhecem e, por isso, precisam ser renovadas, sejam por meio de retraduições ou adaptações. Vivemos novos tempos, e a linguagem acompanha as mudanças sociais e os modos de nos relacionarmos linguisticamente, passando constantemente por processos de inovação e renovação pelos usos e práticas languageiras. Em se tratando de textos de séculos passados, mais relevante ainda se tornam as retraduições e adaptações, pois vocabulários e expressões que envelheceram com o tempo demandam atualização para que o processo de comunicação entre diferentes gerações não seja interrompido. Destacamos em especial a pertinência do emprego de uma linguagem mais inclusiva, um dos pilares dessas mudanças.

SOBRE OS PARATEXTOS: CAPA E PREFÁCIOS

Quando vemos um clássico de Ellen White, por exemplo, *O Desejado de Todas as Nações*, e na capa nos deparamos com as palavras “Na linguagem de hoje”, essa informação paratextual não só orienta o que os leitores encontrarão pela frente, como também indica ao leitorado que estão diante de um novo texto, com modificações em algum nível. Para uns, essas adaptações soarão como violência ao texto e, portanto, poderão abandonar a obra, mesmo antes de começar; já para outros, será a principal, senão a única motivação para prosseguirem a leitura. Assim, percebemos que as mesmas críticas, os mesmos impasses que habitam o campo da tradução, quer seja, se for mais literal agradará uns e desagradará outros, se for



mais oblíqua, mais indireta (para usar os termos de Vinay e Dalbernet (2000), o mesmo acontecerá nas adaptações.

O fato de a capa já trazer informações referentes a *modificações na linguagem* é importante, pois esse elemento paratextual é o primeiro contato que os leitores têm com uma obra; assim, sua função comercial, de marketing e de captação da atenção visa despertar o interesse dos leitores. Nesse sentido, a informação contida não só na capa, mas nos prefácios das obras adaptadas são canais que contribuem para que alguém continue a leitura ou abandone-a.

Para exemplificar, apresentam-se três prefácios de obras da série Conflito, de White, com grifos nossos:

Prefácio de Os Escolhidos:

Este é o primeiro volume de uma série de cinco livros *adaptados* pelos Depositários do Patrimônio Literário White. Seu objetivo é *esclarecer as mensagens de O Grande Conflito a uma nova geração de leitores*. Nesta coleção, você encontrará as grandes verdades publicadas nos volumes originais em um *formato mais acessível para os leitores do século 21*.

Prefácio de Os Ungidos:

O volume é uma *adaptação* de *From Splendor to Shadow* [Do Esplendor Para as Sombras, publicado em inglês em 1984], uma edição *condensada* do clássico de Ellen G. White, *Profetas e Reis*. O volume condensado incluiu todos os capítulos da edição original, utilizando somente as próprias palavras da Sra. White, mas em uma *versão abreviada*. A *adaptação* atual deu um passo além, usando algumas palavras, expressões e construções de frases mais familiares aos leitores do século 21.

Prefácio de O Libertador:

O volume é uma *adaptação* do livro *From Heaven with Love* [Do Céu com Amor], uma edição *condensada* do clássico livro de Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, publicada em 1984. O volume condensado incluía todos os capítulos da obra original, usando somente as próprias palavras da Sra. White, mas com a *narrativa abreviada*. Esta *adaptação* vai um passo além, usando algumas palavras, expressões e construções de frases mais familiares ao leitor do século 21. Ocasionalmente, ela resgata alguma frase ou oração deletadas na versão condensada original.

Os paratextos que introduzem as obras em destaque trazem informações adicionais aos leitores, contribuindo para sua recepção e consumo. No entanto, chamam atenção os prefácios 2 e 3, que ora se apresentam como adaptação e condensação, ora como versão/narrativa abreviada, enquanto o prefácio 1 não



explicita, com clareza, a adaptação da obra; antes, informa que a obra se apresenta em “formato mais acessível para os leitores do século 21”.

Esses elementos estão ali para esclarecer e orientar a percepção dos leitores, colaborando para despertar ou não o interesse pela leitura, além de situar autora e leitores no mesmo espaço e tempo, no mesmo universo de referência. O caráter instrucional e formativo está presente, mas o foco é mais motivacional, ao enunciar como primeira informação: “Prefácio [...] na Linguagem de Hoje”, em que a identificação temporal é um rastro de significado que transporta a obra para a contemporaneidade e reverbera em novas formas de apresentar as construções textuais em desuso na obra.

IMPLICAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se discutiu, o projeto de atualização e adaptação é marcado por características gerais que dizem respeito, principalmente, ao registro de linguagem com expressões e construções de frases mais próximas dos leitores do século 21 (prefácio de *O Libertador*, p. 9). E a característica que se destaca, como se pode ver, é a popularização e a clareza da mensagem almejadas pela equipe editorial da CPB (Cardoso, 2011), a qual parece ser usada como estratégia de marketing, a fim de alcançar os leitores que consideram os livros de Ellen White de difícil compreensão.

Por um lado, a busca por esse registro de linguagem mais atual e acessível (Tonetti, 2021) é também uma forma de promover a democratização do acesso aos textos da autora (como foi a proposta de Lutero com sua tradução da Bíblia em língua alemã, já no século 16). Por outro lado, essa “popularização” dos textos da autora, como já observamos através da discussão sobre as críticas ao projeto, acaba gerando uma resistência à alteração da linguagem, devido ao caráter de sacralidade atribuído ao texto de White pela crença de que é o texto que é inspirado e não a autora.

Desse modo, levando em conta a soma das modificações, atualizações e ressignificações da obra em destaque, conclui-se que o estudo da tradução, retradução e adaptação desponta cada vez mais como campo fértil para a convergência teórica e analítica de fenômenos culturais complexos. Graças às atualizações naturais próprias dos novos tempos, a obra de Ellen White se multiplica, o que é visto como uma tendência importante, tendo-se em mente os objetivos de



aproximação com a recepção mais jovem. Além disso, a pesquisa sugere uma crescente sensibilidade das atualizações e adaptações para uma linguagem mais comunicativa, por um lado, e mais inclusiva, por outro. Com isso, o propósito de atualização e adaptação pretendido pela equipe editorial quanto aos projetos em destaque procurou conciliar o texto de Ellen White (do século 19 e início do século 20) e os leitores (que já não são os mesmos dos primórdios da IASD). Todavia, como afirma Tonetti (2021, p. 19): “modernizar um clássico está longe de ser uma tarefa simples”.

Ainda nesse contexto, observa-se que, talvez numa tentativa didática de explicar o *modus operandi* da editora quanto ao que vem sendo feito nos projetos de atualização e adaptação, a equipe editorial, em alguns momentos dos textos, podcasts e entrevistas pareceu colocar atualização e adaptação em lados distintos. No entanto, no sucinto exercício de comparação entre as três versões da obra em destaque, pode-se afirmar que o processo de adaptação da série Conflito abrange graus diferentes de atualização, embora nem toda atualização comporte adaptação. Daí não ser possível se propor definições estanques de um e de outro lado. Espera-se que mais pesquisas sejam realizadas e cooperem para uma compreensão mais ampla a ponto de minimizar as divergências entre as noções de tradução, atualização e adaptação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, B. Adaptações literárias em contexto escolar. **Revista Claraboia**, n. 16, p. 133-134, 2021. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/255>. Acesso em: 12 out. 2022.

ATUALIZAÇÃO dos escritos de Ellen White I Podcast #22. Entrevistados: Eduardo Rueda; Neila Oliveira; Hélio Carnassale. Entrevistador: Márcio Tonetti. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020. 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal Revista Adventista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YrhA_df_HO4&t=559s. Acesso em: 01 nov. 2024.

BASTIN, G. L. Adaptation. 3. ed. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York: Routledge, 2011. p. 10-14.

BEZERRA, B. G. Discurso religioso e tradução: uma análise crítica da tradução de termos relativos ao sacerdócio. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 1, p. 237-259, 2015.



CARDOSO, M. Ellen White na linguagem de hoje. **Conexão JA**, n. 19, jul./set., 2011. Disponível em: https://issuu.com/educacaoadventista/docs/19_-_3trim2011. Acesso em: 31 out. 2022.

ELLEN White na linguagem de hoje. Entrevistada: Neila Oliveira. Entrevistador: Márcio Tonetti. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Revista Adventista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FKd-tyVOAZ4>. Acesso em: 2 nov. 2022.

FAGAL, W. Adapting the writings of Ellen White. **Adventist World**, v. 7, n. 5, p. 22-23, 2011. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/AW/AW20110501-V06-05.pdf>. Acesso em: 5 set. 2024.

FERREIRA, E. A constante atualização da tradução. **Rascunho**, nº 28, ago. 2002. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/translato/a-constante-atualizacao-da-traducao/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FRIO, F. As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradução de Garneau. **TradTerm**, v. 22, p. 15-30, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2013.69115>. Acesso em: 30 out. 2025.

GABRIEL, R. S. Traduções da Bíblia aposentam vocabulário arcaico e apostam na coloquialidade. **Época**, 17 fev. 2017. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2017/02/traducoes-da-biblia-aposentam-vocabulario-arcaico-e-apostam-na-coloquialidade.html>. Acesso em: 1 nov. 2024.

GAMBIER, Y. Adaptation: une ambiguïté à interroger. **Meta**, v. 37, n. 3, 1992. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/002802ar>. Acesso em: 23 fev. 2025.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. S. (org.). **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
HUTCHEON, L. **A Theory of Adaptation**. New York: Routledge, 2006.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 63-72.

KEISER, D. How Ellen White did her writing. In: BURT, M. D. (ed.). **Understanding Ellen White**. Takoma Park: Ellen G. White Estate, 2015. p. 130-145.

KINSLEY, J. (ed.). **The complete works of John Dryden in 4 volumes**. Oxford University Press, 1956. vol. 1.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução: Claudia Matos Seligmann. São Paulo: Edusc, 2007.



LOPES, M. M. M. **A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais**. Dissertação de (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MILTON, J.; TORRES, M. C. Apresentação. **Cadernos de Tradução**, v. 11, n. 1, 2003.

OLIVEIRA, N. Na linguagem de hoje. **Revista Adventista**, 10 jan. 2017. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/na-linguagem-de-hoje/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

PAULSON, K. The insertion of gender-inclusive language in recent Ellen White compilations. **Advindicate**, 16 abr. 2014. Disponível em: <http://advindicate.com/articles/2014/4/16/the-insertion-of-gender-inclusive-language-in-recent-ellen-white-compilations>. Acesso em: 1 fev. 2025.

POIRIER, T. Compilations and adaptations—are they the real thing? **Ministry**, v. 95, n. 10, p. 22-25, 2023. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/archive/2023/10/Compilations-and-adaptations-are-they-the-real-thing>. Acesso em: 15 maio 2025.

POIRIER, T. A verdade sobre as compilações. **Revista Adventista**, 22 jan. 2024. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/a-verdade-sobre-as-compilacoes/>. Acesso em: 30 out. 2025.

POUCKE, P. V.; GALLEGO, G. S. Retranslation in context. **Cadernos de Tradução**, v. 39, n. 1, p. 10-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2019v39n1p10>. Acesso em: 30 out. 2025.

SANDERS, J. **Adaptation and Appropriation**. London: Routledge, 2006.

SIMMS, K. Introduction. In: SIMMS, K. (ed.). **Translating sensitive texts: linguistic aspects**. Amsterdam: Rodopi, 1997. p. 1-26.

TONETTI, M. Clássicos para o nosso tempo. **Revista Adventista**, ano 116, n. 1372, p. 18-22, 2021. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 5 nov. 2022.

TONETTI, M. A Palavra de Deus na linguagem de hoje. **Revista Adventista**, 16 out. 2017. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/marcio-tonetti/destaques/a-palavra-de-deus-na-linguagem-de-hoje/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

VINAY, J. P. DARBELNET, J. A methodology for translation. In: VENUTI, L. (ed.). **The Translation Studies Reader**. London/New York: Routledge, 2000. p. 84-93.

WHITE, E. G. **Eventos Finais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. G. **O Desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. *E-book*. Disponível em:



<https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/O-Desejado-de-Todas-as-Nacoes.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

WHITE, E. G. **O Libertador: O Desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

WHITE, E. G. **O Desejado de todas as nações**. 23. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

YUSTE FRÍAS, J. Leer e interpretar la imagen para traducir. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 50, n. 2, p. 257-280, 2011.